

## RESENHA DA OBRA “ESTUDOS DA TRADUÇÃO E COMUNIDADE LGBT – SOBRE VOZES ENTENDIDAS E TRANSFORMISTAS TEXTUAIS”: UMA LEITURA E APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS

### REVIEW OF THE ANTHOLOGY “ESTUDOS DA TRADUÇÃO E COMUNIDADE LGBT – SOBRE VOZES ENTENDIDAS E TRANSFORMISTAS TEXTUAIS”: A READING AND POSSIBLE APPROACHES



Mariana Baierle SOARES  
Doutoranda  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil  
lattes.cnpq.br/8282191418261027  
orcid.org/0000-0003-3618-4174  
marianabaierle39@gmail.com

1

**Resumo:** A antologia “Estudos da Tradução e comunidade LGBT - Sobre vozes entendidas e transformistas textuais”, organizada por Dennys Silva Reis e Vinicius Martins Flores, publicada em 2024 pela editora Devires, reúne dezoito autores com diferentes abordagens e perspectivas no que diz respeito ao campo da tradução e, especificamente, no campo da tradução LGBTQIA+. O poder do texto envolve uma engrenagem composta pelos elementos língua, sujeito, cultura e público. O trânsito desses elementos se desenvolve por meio da tradução, processo que é múltiplo. A obra suscita, entre seus diversos tensionamentos, se existem traduções específicas para o público LGBT, ou se existem de fato LGBTextos — escritos para e pela comunidade LGBTQIA+. Segundo os organizadores, um LGBText e a tradução *queer* não passam ao largo dos domínios de interação social. É possível observar isso ao se deparar com a história da tradução *queer* no país, amplamente apresentada e debatida na obra. Esta resenha levanta as principais pautas e debates trazidos no volume e, em especial, de alguns textos específicos — escolhidos aqui por proporem um diálogo acerca do campo da tradução *queer* com outros segmentos sociais tradicionalmente também excluídos e marginalizados. São capítulos que dialogam acerca da tradução *queer* com as pessoas com deficiência visual, com deficiência auditiva, surdas, bem como acerca dos processos que envolvem a audiodescrição e a Língua Brasileira de Sinais, ampliando o escopo e o alcance das reflexões que permeiam o livro para além do escopo inicial ao qual se propõe.

**Palavras-chave:** Estudos da tradução. Tradução *queer*. Deficiência. Grupos marginalizados. Audiodescrição.

**Abstract:** The anthology “Estudos da Tradução e comunidade LGBT - Sobre vozes entendidas e transformistas textuais”, organized by Dennys Silva Reis and Vinicius Martins Flores, brings together eighteen authors with different approaches and perspectives regarding the field of translation and, specifically, in the field of LGBTQIA+ translation. The power of the text involves a mechanism composed of the elements of language, subject, culture and audience. The transit of these elements develops through translation, a process that is multiple. The work raises, among its various tensions, whether there are specific translations for the LGBT public, or whether there are indeed LGBTexts – written for and by the LGBTQIA+ community. According to the organizers, an LGBText and *queer* translation do not go beyond the domains of social interaction. This can be seen when coming across the history of *queer* translation in Brazil, widely presented and debated in the work. This review presents the main issues and debates raised in the volume and of some specific texts – chosen



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

---

*here because they propose a dialogue about the field of queer translation with other social segments that are also traditionally excluded and marginalized. These are chapters that discuss queer translation with people with visual impairments, hearing impairments, and deaf people, as well as about the processes involving audio description and Brazilian Sign Language, expanding the scope and reach of the reflections that permeate the book beyond the initial scope for which it is proposed.*

**Keywords:** Translation studies. Queer translation. Deficiency. Marginalized groups. Audio description.

---

“O que pode um texto?”. É com este questionamento que Dennys Silva Reis inicia sua reflexão na antologia “Estudos da Tradução e comunidade LGBT – Sobre vozes entendidas e transformistas textuais”, publicada em 2024 pela Editora Devires e organizada em parceria com Vinicius Martins Flores, reunindo dezoito autores que mergulham nas complexas conexões entre tradução e a comunidade LGBTQIA+. A obra discute a tradução enquanto ativismo, apresentando reflexões sobre práticas tradutória, teorias e culturas dentro dessa comunidade e como essas práticas podem influenciar e fortalecer a cidadania LGBTQIA+. Dividido em três seções – Babados Teóricos, Fluxos de LGBTextos e Paradas de LGBTrânsitos – o livro abrange questões teóricas e estudos de caso, refletindo a multiplicidade, a relevância e a necessidade deste campo de estudo no Brasil.

Dennys Silva Reis é professor na Universidade Federal do Acre, onde desenvolve trabalhos sobre literatura de expressão francesa, atuando nas áreas de Estudos Interartes e Estudos da Tradução, especialmente nas questões de historiografia e identidades. Na apresentação da obra, intitulada “Preliminares/ LGBTextos em tráfegos e Traduções Queer”, ele afirma que o poder do texto envolve uma engrenagem composta pelos elementos língua, sujeito, cultura e público. O trânsito desses elementos se desenvolve por meio da tradução, processo que é múltiplo.

É a partir dessas considerações que Silva-Reis (2024, p.17) levanta como questão se existem traduções específicas para o público LGBT, ou se existem de fato *LGBTextos* – escritos *para e pela* comunidade LGBTQIA+. Ele assevera que este é um questionamento difícil de ser respondido, visto que todo texto pode ser aceito como participante da comunidade LGBTQIA+ na medida em que contribui para discussões caras a ela – seja do ponto de vista do que é a comunidade LGBTQIA+, seja do ponto de vista do que ela não é. Todavia, afirma ele, é possível pensar o LGBTexto como um etnotexto, ou seja, um texto que produz um discurso sobre a comunidade à qual pertence. O conceito de etnotexto adotado na obra segue a perspectiva do etnólogo Jean-Nöel Pelen (2001), que diz que um etnotexto

---

precisa necessariamente envolver local de produção, local de reprodução da cultura, local de consciência da comunidade e local de sentimento de legitimidade.

Esses quatro elementos que determinam o etnotexto foram estabelecidos a partir de pesquisas envolvendo textos orais indígenas, desde a sua coleta até os processos de textualização, desde as traduções de línguas indígenas às repercussões desses textos em diferentes mídias. Somado a isso, Pelen (2001) também admite que os etnotextos evoluem, mudam e têm sua(s) história(s), visto que as comunidades possuem gerações e mobilidades físicas, psicológicas, sociais e culturais (Silva-Reis, 2024, p.18)

Um LGBTexto e a tradução *queer* não passam ao largo dos domínios de interação social. É possível observar isso ao se deparar com a história da tradução *queer* no país. No Brasil colonial, a título de exemplo, textos bíblicos já faziam o controle dos corpos pelo viés da tradução latim-português-tupi-guarani. A tradução da bíblia para línguas indígenas, assim como a celebração de missas em línguas indígenas, resgata o autor (2024, p.20), era uma forma de traduzir e transmitir a heteronormatividade cristã. No período ditatorial brasileiro, a tendência hétero-moralizante-religiosa não se modificou muito e o número de tipos de censura tradutórias são imensos. Discursos criminológicos, médicos, legais e religiosos da época pautavam a censura (Silva-Reis, 2024, p.22).

Na contemporaneidade, as traduções *queer* são uma realidade perene e que, cada vez mais, tendem a aumentar. Todavia, observa Silva-Reis (2024, p.25), a sociedade brasileira ainda está aprendendo a lidar com a circulação deste conhecimento. Aqueles que têm um pensamento mais retrógrado, enfatiza ele, tendem a replicar uma certa *LGBTfobia tradutória* – manifesta através da polemização de feitos tradutórios relacionados às questões de gênero e sexualidades.

O autor situa a tradução *queer* como uma prática subversiva porque ultrapassa os elos do texto heteronormatizante para ser uma ação textual que tem aderência a todos os tipos de conhecimentos, formatos e retóricas textuais, porém de maneira insubmissa. Neste sentido, Silva-Reis (2024) percebe que esta prática não tem um lugar exato e único nas ciências ou nos conhecimentos em geral. Tanto um texto médico quanto um texto literário podem conter elementos LGBTs. O LGBTexto em tradução também não tem um gênero textual pré-definido, ele pode tanto ser um artigo jornalístico quanto um romance, um poema como uma canção, um

---

texto econômico ou jurídico devido ao poder de estar infiltrado em todos os gêneros textuais, no que tange ao seu conteúdo.

Ou seja, se utiliza da formatação textual heteronormatizante para transmitir seu discurso LGBTQIA+. Se é possível dizer, a tradução queer pode tanto apenas ser um auxiliar à tradução de LGBTextos como também pode LGBTizar o texto à cultura de chegada, evitando a higiene verbal (Cameron, 1995) (própria também de textos heteronormatizantes) (Silva-Reis, 2024, p.19).

O grande diferencial agora não é a tradução em si de um LGBTexto tendo em vista que isso sempre existiu, mas sim a existência de uma consciência de o texto *ser um LGBTexto em tradução*. Sexualidade e linguagem frequentemente estiveram associadas, porém, nem sempre se tinha consciência sobre este fato. Os debates atuais sobre a sexualização da linguagem crescem no Brasil, especialmente nas questões vocabulares.

4 Há um grande debate sobre as formas de tratamento (Filho; Othero, 2022) e uma possível “virada” gramatical em língua portuguesa para a normatização de uma linguagem neutra no Brasil. Aliás, cada vez mais surgem estudos sobre gírias LGBTs, em particular, a mais conhecida: o pajubá. Inclusive tais elementos têm chegado na academia brasileira, especificamente, pelos estudos da incipiente área da Linguística Queer (Borba, 2020). (Silva-Reis, 2024, p.20)

A coletânea constitui-se da soma de pesquisadores, tradutores, discursos e textos a fim de oferecer um material de estudo e análise do tema na atualidade. Poucos são ainda as obras e estudos que envolvem a questão da tradução e da comunidade LGBT, ainda mais obras direcionadas a todos os públicos. No prefácio intitulado “Confluências de traduções e sexualidades”, Maria Rita Drumond Viana (2024, p.13) salienta que a diversidade se faz notar também nos textos selecionados que compõe o volume, os quais incluem perspectivas até conflitantes em seus artigos originais, além de traduções para o português, por autorias bem conhecidas em seus campos assim como vozes emergentes e/ou subrepresentadas.

O subtítulo da antologia “vozes entendidas” coloca em jogo como as identidades da comunidade LGBT precisam ser entendidas discursivamente para serem traduzidas, expõe Silva-Reis (2024). E acrescenta que o termo “entendido” é uma antiga gíria para se referir a

peessoas homoafetivas, termo brasileiro e dicionarizado desde a década de 1970. Já a expressão “transformistas textuais”, indica ele, remete ao papel dos tradutores no âmbito LGBTQIA+, pois de alguma forma manipulam e transformam o texto de uma língua em texto identitário numa outra língua. Por fim, esclarece o autor: “transformista” também remete a uma gíria antiga da comunidade LGBTQIA+ brasileira que dizia respeito ao artista especialista em transformismo (caracterizar-se de personagens – hoje conhecido como Drag Queen ou Drag King, mas também para se referir à travesti). “O tradutor é um artista que tem como matéria prima a linguagem LGBT em todos os seus graus, e, portanto, trabalha nela, com ela e sobre ela” (Silva-Reis, 2024, p. 31).

A obra está dividida em três grandes seções: [1] Babados teóricos; [2] Fluxos de LGBTextos, e [3] Paradas de LGBTrânsitos. A primeira parte tenta trazer questões mais teóricas e epistemológicas do incipiente campo de estudos no Brasil; já a segunda parte traz estudos de casos de traduções editoriais que entrelaçam texto e identidade LGBTQIA+; e, a terceira parte aporta reflexões da tradução em áreas específicas de tradução audiovisual e tradução acessível LGBTQIA+.

A diversidade dos textos e das investigações mostram como este eixo de estudo é múltiplo, curioso e necessário. Igualmente, a junção dos diversos investigadores e tradutores deste livro expõe que o tema é de todos aqueles que desejam se debruçar e trabalhar para um reconhecimento das identidades sexuais no âmbito da linguagem (Silva-Reis, 2024, p. 31).

Dito isso, cabe situar meu leitor de que esta resenha não pretende dar conta da riqueza de debates e contribuições trazidas pelos dezoito artigos que compõem o volume, até porque não conseguiria fazê-lo em um espaço relativamente sucinto destinado a este trabalho. A partir de agora permito-me fazer um recorte e dedicar especial atenção a dois capítulos que trazem questões relacionadas à tradução LGBT em diálogo e interseção com outras diversidades e grupos também minorizados socialmente. Refiro-me a pessoas com deficiência visual, surdas usuárias de Libras e com deficiência auditiva, as quais também estão presentes dentro do segmento da população LGBTQIA+. Os capítulos que tratam especificamente acerca deste diálogo intitulam-se: “Audiodescrição do videoclipe Flutua, acessibilidade, identidade de gênero e tradução”, de Lucinéa Marcelino Villela, e “Extensão universitária: considerando as

---

lacunas sociais para ensino de tradução e interpretação de libras – LGBTQIAP+”, de Vinicius Martins Flores.

Esta intersecção de segmentos representativos de minorias, dentro de uma obra que aparentemente já aborda a tradução LGBT enquanto fenômeno linguístico subversivo e marginalizado, propõe um rompimento de estereótipos e com as categorias binárias as quais tradicionalmente estamos habituados sem sequer as questionarmos. Enquanto uma mulher com deficiência visual, resenhista deste volume e pesquisadora acerca da inclusão social de indivíduos com deficiência, parece-me eloquente este recorte e as lentes que podemos dedicar aos referidos textos que suscitam a reflexão sobre as diversidades (e a partir delas) e a percepção acerca da fluidez e da infinidade de constituições humanas em um contínuo de possibilidades.

6

No primeiro texto elencado por mim no livro de Reis e Flores (2024) como destaque para esta reflexão, Villela amplia as noções de diversidade, inclusão e respeito a grupos marginalizados até então apresentados na obra. Ela realiza um estudo de caso que envolve a inserção do recurso de audiodescrição no videoclipe Flutua, lançado em 24 de dezembro de 2017, no canal do YouTube do cantor Johnny Hooker, com objetivo de permitir que pessoas com deficiência visual compreendam a importância da presença de casais gays e pessoas trans em produtos audiovisuais. O protagonismo dessas pessoas não será perceptível para quem não enxerga, somente pois a identidade de gênero dos participantes no clipe só poderá ser entendida por meio do acesso à audiodescrição (Villela, 2024, p. 353).

A autora informa que o clipe em questão traz uma narrativa audiovisual que apresenta uma história contemporânea de amor e resistência contra homofobia. O produto registrou mais de 10 milhões de visualizações e inovou em sua narrativa ao apresentar a história de um casal de protagonistas gays surdos sinalizados que sofre preconceito e violência na cidade de São Paulo. Ao mesmo tempo, a interpretação da canção é feita por um cantor que foge das classificações heteronormativas e por uma cantora trans.

Ao apresentar as dez cenas do videoclipe que foram audiodescritas pelo Grupo de Pesquisa em Mídia Acessível e Tradução Audiovisual (MATAV), Villela salienta que nas cenas de afeto entre o casal de homens gays protagonistas, a escolha foi por mostrar uma mudança de atitude quando se beijam em cenários distintos. Segundo ela, tal mudança está relacionada pelo receio de sofrerem ações homofóbicas, muito recorrentes em espaços públicos de cidades como São Paulo.

---

Na primeira cena de beijo (cena 04), o casal está em uma balada e decidimos que a AD deveria evidenciar a liberdade e intensidade do beijo, por isso o roteiro apresenta “eles se beijam ardentemente”.

Já na cena de beijo ocorrida próximo do Minhocão (cena 06), torna-se evidente que o casal está desconfortável, por isso, em nossa AD apresentamos a seguinte descrição: “Beijam-se de forma contida. Olham para os lados. Se afastam voltam e se beijam” (Villela, 2024, p.353).

Desse modo, enfatiza a autora, fica evidente que a audiodescrição é imprescindível para o fortalecimento da identidade de gêneros e para permitir, por meio desse recurso, que as pessoas com deficiência visual entendam a realidade apresentada em Flutua. Produtos culturais e produções artísticas em geral que não contem com este recurso não atingirão uma parcela significativa da população e, embora em seu discurso possam estar lutando por inclusão, na prática podem não estar contribuindo para este processo como um todo na medida em que veiculam ou editam um material que não é acessível a todos os públicos.

Ademais, faz-se necessário repensarmos a categorização hermética e reducionista na qual muitas vezes encaixamos os indivíduos. O referido videoclipe evidencia algo que parece óbvio, mas nem sempre é óbvio: uma mesma pessoa pode ser gay, surda, jovem ou mais velha, negra, de baixa/alta renda, morar no centro/periferia, pode ter uma infinidade de características que a constituem, evidenciando as diversas formas possíveis de serem e estar no mundo. Um casal de surdos gays, um casal de gays surdos, um casal de surdos gays negros ou – por que não? – simplesmente um casal traz entendimentos linguísticos e culturais bem distintos e tensiona os padrões heteronormativos.

O estabelecimento destas intersecções remete-me imediatamente a outra obra: “Quebrando tabus: a sexualidade da pessoa com deficiência visual e sua identidade”, organizada por Felipe Monteiro e Leandro Pereira (2020). O referido trabalho traz um compilado de narrativas de autores LGBTQ+ com deficiência visual. São sujeitos que vivenciam em seu cotidiano este duplo lugar de fala, enquanto pessoas LGBTQs e enquanto indivíduos cegos ou com baixa visão. Para além disso, certamente são permeados por outras infinitas características, anseios e particularidades que igualmente os constituem. A leitura do referido volume também salienta reflexões contundentes acerca deste universo, descortinando e desmistificando alguns tabus, inclusive no que diz respeito ao fato de estes indivíduos serem reduzidos a tais características e estereótipos. Ao compartilharem conosco suas trajetórias, é

---

possível percebermos de forma muito latente esta riqueza de enunciados, autorreferências e distintas formas de ser e estar no mundo.

Ao trazermos à tona a interseção entre a tradução LGBT e a tradução audiovisual acessível (através da audiodescrição) contribuímos para um alargamento dos entendimentos sobre uma fronteira que intencionalmente nem sempre é bem desenhada no campo da diversidade e dos enunciados linguísticos. A busca pela desconstrução de padrões e categorias binárias nas quais via de regra tenta-se classificar as pessoas é evidenciada na própria sigla “LGBT” e suas variações ao longo da história, como “LGBTQIAP+”.

A presença de tantas letras dentro da sigla que remete a sexualidades não-padronizadas chama atenção para a multiplicidade dos corpos e o não-binarismo pelo qual os indivíduos lutam para serem compreendidos e respeitados. Com relação a este tema, Valéria Brisolará (2024), em capítulo intitulado “Q de LGBTQIA+: o que seria uma tradução queer, afinal?”, problematiza que existe uma busca, talvez inalcançável, por contemplar a todos nessas designações.

## 8

A busca por acrescentar letras para contemplar a todos em suas identidades e especificidades revela-se limitada, pois quantas letras seriam necessárias para dar conta do escopo de nossas experiências? De certa forma, cada pessoa teria o seu gênero particular na medida em que, como a psicanálise nos mostra, somos construídos por linguagem; somos “seres organizados por vínculos, inscritos em um banho de linguagem” (Cohen, 2006, p. 95) [...] Assim, de certa forma, sempre haverá alguns que poderão se sentir excluídos já que a sexualidade, assim como as crenças sobre ela, são produções discursivas e, como tais, podem ser desconstruídas (Brisolará, 2024, p.91).

É exatamente por isso que o sinal de “+” torna-se necessário e elucida essa busca por contemplar mais e mais configurações e conformações corpóreas, psíquicas, sociais, emocionais ou linguísticas. O sinal de “+”, portanto, não faz parte da designação por uma mera convenção estética ou arbitrária, ele carrega consigo uma luta por visibilidade e direito de ser quem se é, o que se torna imprescindível em toda sua amplitude e, evidentemente, também nas práticas tradutórias. Sobre esta última, Brisolará (2021) assevera:

Pensar em uma tradução *queer* significa repensar a tradução, olhar a tradução a partir de outras perspectivas e questionar crenças que circulam sobre o que é ser *queer* e sobre



o que pode e o que deve a tradução. A esse respeito, pode-se dizer que seria uma tradução que rejeita o linear, pois *queer* é, de certa forma, o contrário de *straight* em inglês, que significa direito, reto, linear e que foi adotado para fazer referência a quem foge dos padrões de heteronormatividade (Brisolara, 2024, p. 94).

Como já explicitado anteriormente, o segundo capítulo a ser discutido é de autoria de um de seus organizadores, o professor Vinicius Martins Flores - referência na área da terminologia e variação linguística da Língua Brasileira de Sinais. Flores (2024, p. 357) expõe que vivemos em um contexto que não somente reivindica uma educação plural como também aponta a necessidade de promover o reconhecimento e o respeito frente às questões de gênero e étnico-raciais no espaço universitário. A pergunta que norteia sua reflexão é: como discutir questões LGBTQIAP+ na tradução e interpretação de Libras na formação de TILS (Tradutores/Intérpretes de Libras)?

Para responder tal questionamento, o autor relata a criação e o desenvolvimento do Grupo de Estudos de Tradução e Terminologia de Língua Brasileira de Sinais (GETTLibras) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, desenvolvido como programa de extensão no curso de Bacharelado em Letras, com ênfase em tradução e interpretação de Libras-Português. O grupo inicia suas atividades em outubro de 2017 com o propósito inicial de mapear e verificar termos religiosos, mas, em 2018, já inclui ações sociais que identificaram surdos LGBTQIAP+, quando surge uma motivação por parte dos participantes em desdobrar as atividades do grupo.

Segundo Flores (2024, p. 360), compreendendo que os surdos são sujeitos bilíngues com características específicas de acordo com seu histórico da linguagem, do seu processo de aprendizagem e aquisição de língua, pode-se apresentar as práticas extensionistas que buscam atender um público específico, que são surdos LGBTQIAP+.

No contexto extensionista com possibilidade de ampliar as experiências, o grupo percebeu, aponta o autor, que havia um não (ou raro) atendimento da Comunidade Surda LGBTQIAP+ em movimentos sociais e em eventos culturais. Tal constatação levou o GETTLibras a desenvolver um projeto de criação de registros de sinais LGBTQIAP+ (banco terminológico) usados na cidade de Porto Alegre e região metropolitana, além de realizar a interpretação simultânea da Parada Livre, evento que ocorre anualmente na capital gaúcha. Desta forma, a extensão volta-se para as questões de ensino-aprendizagem com um enfoque interdisciplinar de intervenção, observa Flores (2024, p. 361), ou seja, as práticas de tradução/interpretação ganham o objetivo de apoiar a Comunidade Surda LGBTQIAP+. O

---

autor observa que ao longo dos anos, a universidade vem modificando as próprias estruturas internas a partir dos movimentos sociais, que apresentam suas reivindicações, necessidades e propostas.

E os surdos LGBTQIAP+, eles são capazes de acessar as discussões que permeiam a sua existência? Para poder lutar, é necessário dialogar com nossos pares, alimentarmos de informações, mas onde elas estão? Existem materiais em Libras direcionados ao público surdo LGBTQIAP+? Essas inquietações, que nos movimentaram enquanto grupo, estimularam os desdobramentos de ações do GETTLibras, o que nos faz acreditar que a extensão pode ser uma das portas para que diferentes sujeitos acessem o conhecimento (Flores, 2024, p. 361).

Como ponto de chegada de sua análise, ele aponta para a necessidade de outros docentes da área de tradução e interpretação fomentarem, através da extensão universitária, um espaço para formar novos TILS com uma prática que colabore com a comunidade local, de preferência com comunidades LGBTQIA+. Ele destaca que a comunidade surda como um todo não tem acesso à informação de forma acessível, rápida e em volume de massa e, quando elencamos o grupo de surdos LGBTQIAP+, a questão torna-se ainda mais complicada.

Flores (2024, p. 373) reitera a necessidade de um mapeamento maior de termos-sinais LGBTQIAP+, criando um estudo terminológico para auxiliar os TILS (em formação e os que atuam no mercado) e a própria comunidade surda. Também aponta a necessidade de incentivar e ampliar as interpretações, para que as mesmas não ocorram somente em grandes eventos, mas em uma maior diversidade de ocasiões, oportunizando que pessoas surdas possam conhecer mais sobre diferentes temas relacionados à educação, saúde, cultura e outros.

Em *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade* (2013) - obra que dialoga fortemente com as temáticas aqui presentes (como a diversidade de identidades) -, Andrew Solomon (2013) retoma o que disse (p. 56) Ele acrescenta que “a ausência de palavras é a ausência de intimidade; essas experiências estão sedentas de linguagem” (p. 111). Ao não nomearmos ou não nos referirmos a determinada condição de determinado sujeito, estamos contribuindo para a negação, o apagamento e a invisibilidade de sua própria identidade.

No trecho em questão, Solomon referia-se aos indivíduos com deficiência que ora tem sua condição atrelada a uma doença, ora esta condição relaciona-se a uma identidade. A reflexão pode ser ampliada igualmente aos indivíduos LGBTQIA+ ou aos indivíduos surdos

---

LGBTQIA+, que ao não terem acesso a informações de seu interesse em língua de sinais, não serem nomeados ou traduzidos também tem suas experiências invisibilizadas. As identidades *queer* e as práticas tradutórias LGBTQIA+ igualmente estão sedentas por linguagem. A ausência de palavras e, em especial, a ausência de intimidade com as palavras que constituem essas identidades que fogem à norma, revela-nos desafios tradutórios aos profissionais da área dos estudos linguísticos, de tradução e de interpretação.

Evidenciando a relevância do estudo de Flores (2024), cabe comentar que este público se caracteriza por uma vulnerabilidade extrema no acesso a informações, serviços essenciais e direitos fundamentais. São precários, escassos ou inexistentes os serviços que atualmente contam com tradução e interpretação em libras. O acesso ao sistema público de saúde por surdos LGBT, para exemplificar, é assunto tabu, pouco tratado ou simplesmente ignorado pelas autoridades. Se para a população surda o acesso a todo tipo de informações já é difícil no país, as pessoas surdas LGBT enfrentam desafios ainda maiores e uma exclusão na área da saúde e a ausência de políticas que contemple este público pode trazer consequências gravíssimas.

A extensão universitária, de acordo com Flores (2024), pode ser um serviço social capaz de oportunizar o fortalecimento entre comunidade e universidade, estabelecendo uma relação de ganho mútuo, na qual um recebe informações e o outro se forma com a teoria aplicada na prática, e vice-versa (Flores, 2024, p. 372).

No posfácio “A tradução: Meninos vestem rosa e meninas vestem azul”, Flores (2024, p. 378) afirma que há mais de uma maneira de traduzir, e é importante considerar perspectivas e vozes diversas para garantir uma tradução inclusiva. Segundo ele, a tradução *queer*, a tradução LGBTQIAPN+ ou qualquer tema relacionado ao que desejamos aqui entender fica sempre em segundo plano, seja dentro de uma linha de pesquisa, de uma grande área ou subárea. Nunca fica em evidência, pois não se entende ainda a importância de tal modalidade de tradução como lente de estudos.

Ao direcionar o foco para a tradução de temáticas relacionadas à diversidade de gênero e sexualidade, essa possível linha de estudos visa compreender os desafios e nuances específicos surgidos no processo de transpor textos e discursos LGBTQIAPN+ para diferentes línguas e culturas. A abordagem destaca ainda a importância de considerar não apenas aspectos linguísticos, mas também questões de identidade, representação e inclusão na prática tradutória (Flores, 2024, p.379).

Ele acrescenta que necessitamos de mais glossários, dicionários e pesquisas terminológicas da área LGBTQIAPN+, pois entendemos que o processo tradutório de textos LGBTQIAPN+ depende de pesquisas do tradutor para localizar os termos e sua amplitude de possibilidades de significações (Flores, 2024, p. 381). Para além disso, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e sensível na tradução de temáticas de identidade de gênero e orientação sexual. A terminologia adequada, o respeito à identidade de gênero e a representatividade, afirma ele, são elementos cruciais para garantir uma tradução que seja acolhedora e que respeite às experiências dessa comunidade. Além disso, aponta que seria fundamental que as formações de tradutores incluam discussões sobre questões LGBTQIAPN+, a fim de promover uma maior compreensão e sensibilidade na prática tradutória (Flores, 2024, p. 381).

Assim, a obra “Estudos da tradução e comunidade LGBT - Sobre vozes entendidas e transformistas textuais”, que inicia nos questionando “O que pode um texto?”, talvez nos traga mais perguntas e tensionamentos do que respostas. Talvez um texto possa mais do que os próprios profissionais do texto imaginem e tenham consciência que ele possa. Um texto, para além de sua materialidade, pode transformar o mundo ao nosso redor. Um texto, sem dúvidas, pode legitimar identidades, quebrar tabus, somar entendimentos, modificar leis e provocar mudanças sociais. Um texto não é a mera soma de letras, palavras ou parágrafos, mas a construção de ideias e visões. Um texto estabelece conexões, criando pontes entre pessoas e culturas distintas, um texto é a forma de contato com as pessoas, um texto mobiliza dores, afetos, constituições, trajetórias, vivências, linguagens e significações. A tradução *queer* pode alargar compreensões de mundo e de constituição dos sujeitos. Práticas tradutórias ampliam nosso mundo e os acessos imediatos que temos a ele, trazendo-nos novas e diferentes culturas.

Estamos, portanto, diante de uma obra que reflete sobre questões tradutórias LGBTQIAPN+ em diálogo com tantos outros campos, como da tradução audiovisual, tradução audiovisual acessível, Língua Brasileira de Sinais, audiodescrição, pessoas com deficiência, pessoas surdas, de diferentes etnias, culturas, entre outros. Esta abordagem plural evidencia o quanto o campo da tradução queer é múltiplo e necessita, cada vez mais, estabelecer estas aproximações – as quais são também estruturadas pela diversidade de textos e autores que compõe o volume. Ciente da incompletude e das limitações desta resenha que não dá conta de todos os textos que compõem a antologia, cabe-me destacar que se trata de uma obra que recomendo a profissionais das linguagens e da literatura, interessados e curiosos na área do texto: instigante, provocativa e certamente capaz de nos desacomodar de padrões e normas

---

consagradas em termos estéticos, culturais, comportamentais e contextuais estabelecidas historicamente.

### **Agradecimentos**

Agradeço à CAPES pela concessão da bolsa de Doutorado em Letras.

### **REFERÊNCIAS**

- Monteiro, F., Pereira, L. (Orgs.). (2020) *Quebrando tabus: a sexualidade da pessoa com deficiência visual e sua identidade*. Conectar.
- Silva-Reis, D., Flores, V. M. (Orgs.) (2024). *Estudos da Tradução e comunidade LGBT – Sobre vozes entendidas e transformistas textuais*. Devires.
- Solomon, A. (2013). *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade* (D. M. Garschagen & L. A. de Araújo, Trans.). Companhia das Letras.